

A ESTRUTURA OCIDENTALIZADA DA IMPRENSA NO BRASIL ATRAVÉS DA TRANSMISSÃO DA REVOLTA DOS GOVERNADOS DE 2013.

Isadora Gonçalves França¹³⁴

RESUMO

Neste texto promovo um diálogo entre o artigo de Ramón Grosfoguel sobre “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas” e o papel da imprensa no Brasil, através da sua atuação durante a Revolta dos Governados em junho de 2013. Pretendo mostrar como grandes meios de comunicação de massa funcionam para corroborar e endossar o epistemicídio dos projetos imperiais/coloniais/patriarcais da modernidade. Para tanto trago manchetes de dois jornais de grande circulação no Brasil – O Globo e Folha de São Paulo - durante o mês de junho de 2013. As teses de dois outros autores integram a análise, Wallace de Moraes, sobre o papel das governanças e Nelson Werneck Sodré, sobre a concentração dos meios de comunicação de massa. Além disso, adoto a perspectiva anarquista proposta por Wallace de Moraes para interpretação das manifestações de junho de 2013, chamada por ele de Revolta do Governados. Por fim, emprego, na esfera da grande mídia, o conceito de transmodernidade, cunhado por Dussel e utilizado por Grosfoguel, na intenção de propor não só a descentralização dos meios de comunicação, mas também sua decolonização.

Palavras-Chave: Estruturas ocidentalizadas, Revolta dos Governados, grande mídia, governanças, perspectiva anarquista.

ABSTRACT

In this text, I promote a dialogue between Ramón Grosfoguel's article on “The structure of knowledge in westernized universities” and the role of the press in Brazil, through its performance during the Government Revolt in June 2013. I intend to show how great media of mass work to corroborate and endorse the epistemicide of imperial / colonial / patriarchal projects of modernity. For that, I bring headlines from two newspapers of great circulation in Brazil - O Globo and Folha de São Paulo - during the month of June 2013. The theses of two other authors integrate the analysis, Wallace de Moraes, on the role of governments and Nelson Werneck Sodré, on the concentration of the mass media. In addition, I adopt the anarchist perspective proposed by Wallace de Moraes to interpret the June 2013 demonstrations, which he called the Revolt of the Governed. Finally, I use the concept of transmodernity in the sphere of mainstream media, coined by Dussel and used by Grosfoguel, with the intention of proposing not only the decentralization of the media, but also its decolonization.

Keywords: Westernized structures, Government Revolt, mainstream media, governance, anarchist perspective.

¹³⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Integrante do grupo de pesquisa CPDEL (Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias). Bolsista CAPES.

1. INTRODUÇÃO: A ESTRUTURA DAS UNIVERSIDADES OCIDENTALIZADAS E A GRANDE MÍDIA

Em seu artigo “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas” Ramón Grosfoguel traz a tese de que a lógica cartesiana do “penso, logo existo” que guia atualmente a produção de conhecimento das universidades ocidentalizadas está diretamente ligada a quatro genocídios/epistemicídios que fundaram a modernidade: o genocídio/epistemicídio ocorrido com a conquista de Al-Andalus e cristianização de muçulmanos e judeus, o genocídio/epistemicídio ocorrido com a conquista das Américas, o genocídio/epistemicídio ocorrido com a conquista de africanos no continente africano e escravização destes povos nas Américas e por último o genocídio/epistemicídio ocorrido com a queima de mulheres vivas nas fogueiras da Igreja cristã durante a Inquisição.

Segundo o autor esses quatro genocídios/epistemicídios ocorridos durante o “longo século XVI”¹³⁵ (1450 – 1650), fundaram a modernidade e ditam,

ainda hoje, a forma como o conhecimento é produzido em todo o mundo colonizado. Além disso, ignora e exclui a produção de conhecimento dos sujeitos colonizados, provocando o epistemicídio.

Duas teses guiam o pensamento de Grosfoguel, a primeira é uma crítica de Enrique Dussel à lógica cartesiana do “penso, logo existo” que arroga para si o olho onipresente de Deus e separa a razão das experiências concretas do corpo físico. Segundo essa lógica, todo conhecimento produzido está ligado apenas à razão, experiências espaço/temporais vivenciadas pelo corpo não influenciam na produção de conhecimento. Assim, o conhecimento produzido em apenas uma região do mundo é considerado universalmente válido, possuindo legitimidade para ser ensinado e aprendido em todas as outras regiões.

Segundo Grosfoguel esta é a lógica que determina e estrutura atualmente a forma como o conhecimento deve ser produzido nas universidades do mundo colonizado. Apenas as teses de homens brancos de cinco países (Itália, Alemanha, França, Estados Unidos e Inglaterra) são consideradas válidas dentro dessas

¹³⁵ Grosfoguel se refere ao termo “longo século XVI”, formulado por Fernand Braudel, como o período que vai de 1450-1650. A formulação do termo influenciou o trabalho do estudioso do sistema-mundo, Immanuel Wallerstein (1974). Para Wallerstein este período compreende a formação de um novo sistema histórico denominado moderno sistema-mundo, ou a economia-mundo europeia ou a economia-mundo capitalista. Em seu artigo Grosfoguel utiliza o termo “longo século XVI” para se referir ao período da longa duração que cobre o início desse sistema histórico.

instituições, o que é, no mínimo, provinciano, quando se admite que o conhecimento é produzido com base em experiências e sensibilidades sócio-históricas concretas e na concepção de mundo de espaços e corpos particulares e diferentes entre si.

A imposição e manutenção da lógica cartesiana nas estruturas de conhecimento ocidentalizadas só foi possível, como explica Grosfoguel, devido aos quatro genocídios/epistemicídios que fundaram a modernidade, ocorridos durante o “longo século XVI”. A crítica estabelecida por Dussel da lógica cartesiana baseada no “penso, logo existo” se dá na medida em que se reconhece que o “penso, logo existo” só foi possível de levar a cabo após 150 anos de “conquisto, logo existo”.

A segunda crítica que guia o raciocínio de Grosfoguel é aquela suscitada por Boaventura de Souza Santos em relação às estruturas de conhecimento hegemônicas que excluem as epistemologias do Sul e consideram apenas aquelas produzidas na região Norte-cêntrica, mais especificamente, segundo Grosfoguel, pelos cinco países já citados: Itália, Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra e França.

O primeiro genocídio/epistemicídio responsável pela estrutura do conhecimento

nas universidades ocidentalizadas ocorreu com a conquista de Al-Andalus pela monarquia cristã espanhola e a dominação de populações muçulmanas e judias, que precisaram se converter ao cristianismo adotando novas identidades, mouriscos e marranos respectivamente. Durante a conquista, milhares de livros e bibliotecas que guardavam os conhecimentos e a cultura desses povos foram queimados. Além de ter seu conhecimento e cultura destruídos eles precisaram adotar a cultura e o conhecimento dos conquistadores como sua.

O segundo genocídio/epistemicídio apresentado pelo autor se deu com a conquista das Américas. Ao chegar em terras americanas e se deparar com os povos nativos, as primeiras anotações e constatações dos colonizadores se deram em torno da dúvida da presença de um culto ou religião na vida desses povos. Uma vez que, na lógica colonizadora, todo ser humano possuía invariavelmente uma religião, a constatação de que aqueles povos não tinham nenhuma religião significava, conseqüentemente, que não possuíam alma e, portanto, não eram seres humanos.

Devido a grande influência da teologia cristã na estrutura do conhecimento, a discussão foi encaminhada a um tribunal pela monarquia imperial

cristã espanhola. Por um lado acreditava-se que os povos indígenas possuíam alma, eram seres humanos, mas precisavam ser cristianizados, por outro lado defendeu-se que os povos indígenas não possuíam alma e, portanto, estavam próximos da condição de animais e podiam ser escravizados. Após um longo período de debate (1492-1552) a monarquia espanhola solicitou uma decisão. O julgamento de Valladolid decidiu pela cristianização dos povos indígenas:

Como sabemos, Gines Sepúlveda defendeu que os “índios” eram seres “sem alma” e, portanto, animais que poderiam ser escravizados no processo do trabalho, sem que houvesse qualquer pecado aos olhos de Deus. (...)

Bartolomé de las Casas, por sua vez, argumentou que os “índios” possuíam uma alma, em estado bárbaro, necessitando de cristianização. Entretanto, para Las Casas era um pecado, aos olhos de Deus, escravizá-los. O que ele propunha era a cristianização. Tanto Las Casas como Sepúlveda representam, respectivamente, a inauguração dos dois maiores discursos racistas, com as consequências mais duradouras, capazes de mobilizar os impérios pelos 450 anos que se seguiram: os discursos racistas biológico e cultural. (GROSFUGUEL, 2016, pág. 38,39)

Foi com a conquista das Américas que a classificação dos seres humanos através da ideia de raça surgiu. “Índio” foi a primeira raça criada pelos colonizadores, junto com a constituição da América como primeira *id-entidade* moderna (Quijano,

2005). Grosfoguel explica como esse processo afetou muçulmanos e judeus que, após serem obrigados a se converter ao cristianismo e adotar uma cultura que não era a sua, com a colonização das Américas e a classificação racial da humanidade, passaram a ser classificados e enxergados através dessa ideia e foram transformados em raça inferior.

O terceiro genocídio/epistemicídio situado por Grosfoguel diz respeito à conquista e dominação de povos africanos em continente africano e sua escravização nas Américas. A subjugação e extermínio desses corpos e a proibição de sua cultura provocou a morte não apenas de milhares de corpos físicos, mas também das subjetividades produzidas e mantidas por esses corpos, suas formas de produção de conhecimento e cultura foram reprimidas e exterminadas.

O quarto genocídio/epistemicídio pontuado pelo autor se deu com a queima de mulheres vivas nas fogueiras da Inquisição promovida pela Igreja cristã. Segundo Grosfoguel o conhecimento dessas mulheres era passado através da cultura oral, portanto, diferente dos povos muçulmanos e judeus que tiveram seu conhecimento destruído junto com os livros e bibliotecas queimados, essas mulheres tiveram sua cultura e conhecimento

queimados na fogueira junto com seus corpos.

Dessa forma, a estrutura do conhecimento moderno teve sua legitimidade arquitetada em cima de uma lógica racista e sexista que provocou a morte e inferiorização de milhares de pessoas e de seus conhecimentos e cultura.

A inferiorização dos conhecimentos produzidos por homens e mulheres de todo o planeta (incluindo as mulheres ocidentais) tem dotado os homens ocidentais do privilégio epistêmico de definir o que é verdade, o que é a realidade e o que é melhor para os demais. Essa legitimidade e esse monopólio do conhecimento dos homens ocidentais tem gerado estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo. (GROSFOGUEL, 2016, pág. 25)

O que pretendo mostrar aqui é que assim como as universidades ocidentalizadas foram estruturas criadas para difundir o conhecimento dos colonizadores, construído através do genocídio/epistemicídio de sujeitos colonizados e da lógica cartesiana que guia a produção de conhecimento nessas universidades, a grande mídia no Brasil é também uma estrutura ocidentalizada que

perpetua a lógica imperial/colonial/patriarcal através do epistemicídio de conhecimentos produzidos fora do eixo Norte-cêntrico ou diferente das lógicas que desafiam o Estado e o sistema capitalista, enquanto instituições necessárias para a manutenção do *status quo* moderno-colonial. Como bem assinalou Wallace de Moraes

“(...) sobrevivem ao epistemicídio, hoje, somente as teorias, produzidas na academia e/ou nos grandes oligopólios de comunicação de massa, que concebem o capitalismo e suas instituições, principalmente o Estado, como legítimos e no máximo passíveis de reformas.” (MORAES, 2018, pág. 65)

Qualquer alternativa ou produção intelectual que negue o Estado e, portanto, o *establishment*, será facilmente rejeitada não apenas pelos sujeitos que habitam as universidades ocidentalizadas mas também por qualquer outra que integre “os projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo”, a grande mídia é uma dessas instituições.

Wallace de Moraes traz a tese de que a sociedade é dominada por governanças. Dessa maneira existem nove tipos de governanças sociais e cinco tipos de governanças institucionais¹³⁶. Os

¹³⁶ O autor adota o conceito de governanças institucionais e sociais para melhor identificar as formas de opressão social empreendidas pelos chamados governantes. Das governanças sociais, nove são identificadas: racial, patriarcal, sexual, acadêmica científica, capitalista, religiosa, oficialista, estética-produtiva e xenofóbica. Das governanças institucionais, cinco são identificadas pelo autor: econômica, política, sociocultural, jurídica e penal.

oligopólios de comunicação e as universidades fazem parte, junto com outras três instituições, de uma mesma governança institucional sociocultural que corrobora e ajuda na manutenção das desigualdades:

Na governança sociocultural, existem cinco grandes instituições que atuam em conjunto para a manutenção/justificativa do status quo. São elas: 1) grandes meios de comunicação de massa; 2) escola (academia); 3) igreja; 4) família; 5) redes da internet.

Por conseqüência, a governança sócio-cultural é habitada pelos seguintes atores: a) governantes socioculturais da grande mídia representado pelos:

- Oligopólios de comunicação de massa (TVs, rádios, jornais) que veiculam notícias que legitimam o sistema de desigualdade capitalista, deslegitimando todas as formas de ações diretas dos governados;

[...]

c) governantes socioculturais do saber escolar: o seu lugar privilegiado é a escola (a universidade) com seus professores/intelectuais que retroalimentam um discurso/ensino justificador do nacionalismo, das instituições estatais e capitalistas de um modo geral, da ‘participação cidadã’ e do regime supostamente democrático, que eles tanto idolatram. Essa se constitui como a governança sociocultural pela ‘educação reprodutora de conteúdos em prol do establishment’. Estes governantes alimentam as opressões/governanças sociais oficialista e

acadêmica-científica, pois simultaneamente cometem o epistemicídio contra as produções revolucionárias e populares, colocando-as como saberes sujeitados, inferiores, ‘errados’. (DE MORAES, 2018, s/p)

Tanto os oligopólios de comunicação de massa como as universidades estão muito próximas quando o assunto é manter e justificar os projetos coloniais, imperiais e patriarcais de poder. Nelson Werneck Sodré em seu livro “História da imprensa no Brasil” assinala que a imprensa nasceu e se desenvolveu junto com o sistema capitalista. Os aspectos particulares desse desenvolvimento no Brasil foram a concentração de veículos de comunicação e da diversidade de suportes que viabilizam a informação nas mãos de poucas empresas:

(...) se a imprensa nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu avanço, esse processo assinala, no Brasil, traços particulares, estreitamente ligados aos aspectos que o avanço capitalista apresentou aqui.

O desenvolvimento da imprensa, na fase atual de crescimento das relações capitalistas em nosso país e pelo fato de esse avanço ter concorrido para o aparecimento, a função e a hegemonia dos meios de massa levou ao quadro, que logo se tornou evidente, de ser a empresa jornalística, na maioria esmagadora dos casos, a iniciadora e impulsionadora desses

As governanças sociais atentam, não exclusivamente, contra determinados setores da sociedade como, por exemplo, mulheres, negros, pessoas de baixa condição financeira, etc. elas não dependem do Estado para se concretizar. Já as governanças institucionais estão legalizadas e, portanto, possuem o amparo do Estado, elas atingem diferentes grupos/classes/povos oprimidos ao mesmo tempo e em seu conjunto. O autor destaca também que as governanças sociais e institucionais e suas atinentes opressões se interpenetram e retroalimentam.

meios de massa, a começar pelo rádio, culminando com a televisão. Gerou-se, aqui, portanto, o conglomerado empresarial agrupando jornal – revista, em alguns casos – e emissora de rádio e de televisão. (SODRÉ, 1999, pág. X)

Assim, por um lado, o modelo empresarial dos conglomerados de comunicação de massa atendem aos governantes econômicos e ao sistema capitalista e, por outro, unifica e verticaliza os discursos proferidos por esses veículos. Nesse sentido, Sodré continua

O caráter concentrador do avanço do capitalismo brasileiro, consideravelmente acentuado com a etapa neoliberal em curso impediu que se generalizasse a composição de agrupamento de jornal e televisão, em alguns casos. A concentração de poder, nos casos em que esse agrupamento ocorreu, foi extraordinariamente agravada e assinalou um traço novo no desenvolvimento da imprensa brasileira.

[...]

Esse quadro novo, sob muitos aspectos desolador, decorreu, sem dúvida, do fato de que um grande jornal, hoje, é uma empresa capitalista de grandes proporções (...). O primeiro sinal a assinalar as mudanças ocorridas esteve, como já foi mencionado, no desaparecimento de numerosos jornais e revistas. Desaparecimento que acompanhou, na área da imprensa, o processo de oligopolização ocorrido na economia. (...) O número de grandes jornais, entre nós, decresceu consideravelmente. (SODRÉ, 1999, pág. X, XI)

No Brasil as cinco maiores redes privadas de televisão, Globo, SBT, Record, Band e Rede TV agregam redes nacionais de rádio e jornais impressos espalhados por todo território nacional. Além da grande quantidade de veículos associados às grandes empresas de comunicação no Brasil, a diversidade dos suportes proporcionam um maior acesso da população ao que é transmitido por essas empresas, assim, mesmo quem não tem acesso a jornais impressos é alcançado pelo conteúdo produzido e veiculado por essas poucas empresas de comunicação através do rádio ou TV.

A classe política, por sua vez, também encontra representatividade na grande mídia. No Brasil uma considerável parcela dos governantes políticos são sócios ou diretores de empresas de radiodifusão. Ainda que proibido por lei¹³⁷, prefeitos, deputados, governadores e senadores possuem vínculo direto e oficial com os meios de comunicação o que, conseqüentemente, permite a eles ter uma relação direta com o eleitorado. As emissoras de TV fabricam e promovem a publicidade de governantes políticos, lançando novas candidaturas e os elegendo. Além disso, os governantes dessa classe podem beneficiar amigos e afetos políticos

¹³⁷ O Artigo 54 da Constituição proíbe a relação direta entre a concentração de poder político e os meios de produção ideológica (meios de comunicação).

promovendo a concessão de outorgas em seus respectivos estados.

Segundo Nelson Werneck Sodré a imprensa substitui a força militar no controle da população:

(...) a dominação se exerce, dispensando o uso da força, pelo exercício da propaganda, do convencimento. E, para isso, a imprensa é importante.

[...]

Quem controla a imprensa e os meios de massa não precisa mais de golpes militares. (SODRÉ, 1999, pág. XII, XIII)

Chomsky também defende que a propaganda é utilizada para “construir consenso” da população e que hoje, não vivemos em uma democracia em que o povo “dispõe de condições de participar de maneira significativa na condução de seus assuntos pessoais e na qual os canais de informação são acessíveis e livres” (CHOMSKY, 2019, pág. 9).

Assim, a grande mídia é, utilizando o termo proposto por Wallace de Moraes, parte de uma governança institucional sociocultural e ela corrobora para o bom funcionamento de pelo menos outras duas governanças institucionais, a econômica e a política. Por meio de suas ações, busca justificar e legitimar preconceitos e opressões sociais já praticadas por estas governanças “[...] pois vende a

‘propaganda’ como mercadoria, justamente, aos governantes econômicos e políticos. Em razão disso, é comum que esteja unida a eles e, normalmente, os apoiem, em suas demandas.” (DE MORAES, 2018, s/p)

2. REVOLTA DOS GOVERNADOS DE 2013

Para comprovar a tese de que a grande mídia segue uma lógica imperial/patriarcal/colonial e suas notícias estão de perfeito acordo com as epistemologias da modernidade eurocêntrica pegaremos o exemplo da atuação de dois veículos de comunicação de alta circulação no país, jornal O Globo e jornal Folha de São Paulo, durante a Revolta dos Governados de 2013. Serão analisadas manchetes, notícias e fotografias dos dois jornais supracitados durante o mês de junho daquele ano.

Para interpretação das manifestações adotaremos a perspectiva anarquista proposta por Wallace de Moraes em seu livro “2013 – Revolta dos Governados ou, para quem esteve presente, Revolta do Vinagre”. Sendo assim, será através deste paradigma que analisaremos a atuação dos veículos de informação citados acima.

Em junho de 2013 o povo foi às ruas e rejeitou qualquer hierarquia ou privação de liberdade na hora de se manifestar, indo contra a lógica hierárquica comum ao Estado e sua ideologia de concentração de poder e dominação imposta pelos colonizadores. Segundo Wallace de Moraes a idolatria ao Estado - que recebe o nome de Estadolatria em suas teses - determina atualmente a forma oficial de organização social além provocar o epistemicídio, impedindo o povo de planejar e praticar “outras organizações societais para além dos limites do capitalismo e da ideia de representação política”:

Em resumo, o epistemicídio ataca todas as experiências populares e teóricas que não se enquadram nos padrões de exaltação do Estado, do capitalismo e não se encontra dentro dos moldes ‘científicos’ acadêmicos, positivistas, amplamente parciais sob a farsa da neutralidade axiológica” (MORAES, 2018, pág. 68)

Para o autor, o surgimento, nas últimas décadas, de coletivos de estudo e ação que privilegiam a liberdade e a igualdade entre as pessoas teve reflexo na Revolta dos Governados de 2013.

Como a perspectiva do anarquismo não buscou centralizar, nem dirigir o processo, mas estimulá-lo de todas as formas, no sentido de aprender com o povo e consciente de fazer parte dele, a revolta popular foi saudada vangloriosamente por esse setor. As propagandas pelo ato contra símbolos do capitalismo e do Estado, demandas clássicas desse pensamento, foram postas em prática em quase

todas as manifestações, apesar de a quantidade de seus militantes ser diminuta. (MORAES, 2018, pág. 69, 70)

O aporte teórico-metodológico anarquista nega qualquer concentração de poder, sendo assim, nega o Estado como instituição necessária para o bom funcionamento social:

Outrossim, entendemos que as interpretações sobre o maior Levante Popular da história brasileira a partir de uma perspectiva anarquista, que valoriza a ação direta dos governados, são marginalizados e enquadrados na perspectiva dos saberes sujeitos (Foucault, 2002) ou sofrem perfeitamente do epistemicídio acadêmico (Santos, 2003). (MORAES, 2018, pág. 69)

Segundo o autor, a plena liberdade, princípio básico do Anarquismo, é incompatível com o capitalismo ou qualquer outra forma de dominação social. A autoridade praticada pelas governanças e a manutenção das instituições que as praticam são herança do colonialismo. A sociedade precisa obedecer a essas governanças que determinam e impõem a ordem. Qualquer organização societal que não endosse a autoridade dessas governanças são imediatamente criminalizadas e esmagadas.

Em junho de 2013, durante a Revolta dos Governados, isso pôde ficar evidente quando, após o povo tomar as ruas, a grande mídia exerceu seu papel de

governança estreitamente ligada aos princípios moderno-coloniais: além de utilizar uma linguagem criminal para se referir aos manifestantes, exaltou a violência policial destinada a eles. Já nas primeiras notícias os veículos de informação da grande mídia exerceram sua lógica imperial. Quando se considera que o povo adotava ali uma forma de organização social diferente daquela imposta pelo colonizador, que concentra o poder em torno de um Estado, a grande mídia mostrou não só seu apoio às governanças econômicas e políticas como também praticou epistemicídio, evidenciando sua natureza ocidentalizada e mostrando, para quem ainda tinha alguma dúvida, sua parcialidade.

Desde o princípio as notícias focavam em relatar confrontos entre manifestantes e policiais. Segundo o que podia ser lido nas páginas dos jornais os confrontos eram sempre causados pelos manifestantes, a polícia apenas reagia. Depredação de patrimônio público e privado e congestionamento do trânsito também tinham foco central nas páginas dos jornais. As notícias não focavam nas reivindicações dos manifestantes. Somente após uma enorme adesão popular aos protestos, devido a imagens, relatos e cenas de truculência policial publicados na internet, a imprensa *aceitou* às

manifestações, modificando seu discurso e passando a defender manifestações “pacíficas”, dessa forma continuou utilizando o termo “vândalo” para se referir aos manifestantes que não aceitavam uma manifestação “pacífica”, incapaz de modificar as estruturas capitalistas, imperialistas, patriarcais, colonialistas que regem a sociedade moderna colonial.

No dia sete de junho de 2013, o jornal Folha de São Paulo publicou na capa, uma notícia com a seguinte manchete: “Vandalismo marca ato por transporte mais barato em SP” (Folha de São Paulo, 07/06/2013, Capa). Na página C1 – com o nome “Cotidiano” -, uma notícia traz o título: “Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP”, uma frase em negrito antes do texto mostra como a truculência policial foi justificada: “A PM utilizou balas de borracha e gás para tentar conter a depredação; houve 15 detidos e 3 feridos”. (Folha de São Paulo, 07/06/2013, pág. C1) No mesmo dia o jornal O Globo publicou uma fotografia na capa, na qual manifestantes seguravam um objeto que possivelmente seria utilizado para fazer uma barricada no meio da rua. O texto de chamada, que se segue à fotografia, referiu-se ao ato como “violento” e disse que a tropa de choque “revidou [aos manifestantes] com bombas de efeito moral e balas de borracha”.



(O Globo, 07/06/2013, Capa)

Taxar as formas de protesto de “vandalismo” e os manifestantes de “vândalos” foi uma atitude adotada nos dois jornais. Pode-se perceber também que a ação policial foi tratada desde o início apenas como *reação*, gerando um ar de justificativa para a violência policial. A atitude policial durante a Revolta dos Governados foi uma demonstração de como age o braço armado do Estado para controlar e punir os governados quando questionam e se revoltam contra o *establishment*. A forma como o jornal noticiou, justificando a violência policial ao dizer que foi apenas um *revide*, denuncia o quanto o jornal corroborou com as opressões implementadas pelas governanças política e penal.

No dia oito de junho o jornal Folha de São Paulo, numa notícia na capa, levou

o título “Manifestantes causam medo, param marginal e picham ônibus” (Folha de São Paulo, 08/06/2013, Capa). Já o jornal O Globo, no mesmo dia, noticiou a manifestação ocorrida anteriormente em São Paulo da seguinte maneira: “Grupo interdita ruas em novo dia de tensão em SP” (Jornal O Globo, 08/06/2013, pág. 8).

Os jornais em questão focavam suas notícias no trânsito congestionado e na forma como os manifestantes estavam protestando, taxando de vandalismo. Dessa forma os jornais começaram a envolver os manifestantes numa aura de crime. As reivindicações, os motivos principais pelos quais os manifestantes estavam indo às ruas protestar não foram colocados em foco pelos jornais, o que também revela o discurso unísono dos dois jornais.

Outro exemplo aconteceu no dia 11 de junho quando o jornal O Globo noticiou o confronto entre a polícia e os manifestantes, durante um protesto no centro do Rio de Janeiro, como que provocado pelos manifestantes. A notícia focou na ação dos manifestantes durante o protesto, no congestionamento do trânsito, e na prisão de manifestantes, a reivindicação principal - revogação do aumento da tarifa dos transportes públicos -

não foi o tema central. Na página 2 uma fotografia de manifestantes queimando uma bandeira do Brasil numa fogueira – ato de protesto - foi acompanhada por uma legenda onde se lê que os manifestantes “voltaram a tumultuar o Centro” e que a manifestação “interditou ruas e teve veículos apedrejados”, “[até que foi] debelada por policiais do Batalhão do Choque”.



(O Globo, 11/06/2013, pág.2)

Na página 10 do mesmo dia, a mesma oratória pode ser observada. A notícia focou principalmente no trânsito congestionado e na atitude da polícia ao “dispersar o protesto”. A ação policial foi

noticiada como algo inevitável na reprimenda aos manifestantes. Uma fotografia de três policiais segurando um manifestante e outro policial olhando a cena foi utilizada para ilustrar o texto.



(O Globo, 11/06/2013, pág. 10)

Como já foi dito, as causas pelas quais os manifestantes estavam indo às ruas não encontraram espaço central nas notícias. Depredações de patrimônio público ou privado, congestionamento do trânsito durante as manifestações e reação policial foram os temas principais das manchetes e notícias. A tentativa da grande mídia parece ser justificar a violência policial durante a repressão da manifestação e as prisões dos manifestantes.

No dia 12 de Junho o jornal Folha de São Paulo trouxe na capa, a manchete: “Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista”, no subtítulo: “No 3º e mais violento protesto, ativistas enfrentam PM e atacam ônibus e estações do metrô; 20 são detidos”. À manchete, segue-se a uma fotografia que mostra manifestantes segurando objetos utilizados em uma barricada, alguns objetos estão no chão pegando fogo. Em conjunto, manchete e fotografia trazem um teor de crime por parte dos manifestantes:



(Folha de São Paulo, 12/06/2013, Capa)

Já no jornal O Globo do dia 12 de junho, numa notícia de capa estampou o título “A marcha da insensatez”, referindo-se à manifestação ocorrida dois dias antes. No texto de chamada os manifestantes foram explicitamente acusados de vandalismo: “Os manifestantes que na noite de segunda-feira protestaram contra o aumento das passagens de ônibus do Rio deixaram um rastro de vandalismo.” (O Globo, 12/06/2013, Capa)

Neste momento, nos jornais, pouco se lia sobre manifestantes feridos pela violência policial, o que pode ser entendido como uma forma de exaltar e corroborar a ação policial – aquilo que Wallace de Moraes chama de governança penal -, o braço armado do Estado.

Na página 8, a primeira e principal notícia também exemplifica esse comportamento: “Manifestantes tentam invadir terminal e depredam lojas em SP”. Abaixo do título o jornalista chamou de *tumulto* a manifestação: “Protesto contra aumento de tarifas de ônibus causou tumulto” e, na página 10, uma notícia com o título “Vandalismo sem causa” pode ser lida em caixa alta (O Globo, dia 12/06/2013, pág. 8, 10).

No dia 13 de junho, O Globo estampou uma notícia com o título “Risco de novos confrontos”, o subtítulo acusou o Movimento Passe Livre - um dos principais coletivos que convocavam as manifestações - de ter promovido “quebra-quebras”: “Atos do Movimento Passe Livre, que provocaram quebra-quebras no Rio e em SP, serão repetidos hoje”. Outra notícia publicada na mesma página anunciava “Ao menos cinco policiais foram feridos no confronto, segundo a polícia militar” (O Globo, 13/06/2013, pág. 3).

Essa atitude também pode ser constatada no jornal Folha de São Paulo, do mesmo dia, que publicou numa notícia de capa: “Governo de SP diz que será mais duro contra vandalismo” e, no subtítulo: “Polícia acionará Tropa de Choque em ato hoje e Alckmin cobrará manifestantes por prejuízos”. Abaixo da manchete, a fotografia de um policial ferido com uma

arma na mão, ajoelhado em cima de um manifestante, acompanha a seguinte legenda: “**Encurralado** Ferido, policial militar Wanderlei Vignoli agarra militante

e aponta arma a manifestantes para evitar que fosse linchado no protesto de anteontem em SP; um dia depois ele disse que teve medo de morrer ao ser cercado”:



(Folha de São Paulo, 13/06/2013, Capa)

Após os primeiros atos, relatos de truculência policial circularam pela internet e a população aderiu às manifestações e os oligopólios de comunicação não tiveram outra saída que não aderir também. A partir desse momento os jornais começaram a reconhecer a violência policial exagerada para com os manifestantes mas continuaram utilizando um tom acusatório quando se referiam a eles.

manifestação noticiada neste dia no jornal, alguns jornalistas haviam sido feridos durante o protesto anterior, pela ação policial.

No dia 14 de junho, O Globo publicou a seguinte notícia: “São Paulo Sitiada - Tropa de Choque avança sobre manifestantes e jornalistas; movimento promete novas ações” (O Globo, 14/06/2013, pág. 3). Na

O foco das notícias permaneceu na ação dos manifestantes e os confrontos continuaram sendo narrados como iniciados por eles: “No Rio, protesto termina com ataque ao Palácio Tiradentes - Manifestantes entraram em confronto com os PMs; 18 foram presos”. Na mesma página uma notícia com o título “Socióloga estranha rejeição ao diálogo” e subtítulo “Ângela Paiva, da PUC-Rio, diz que é difícil entender razões da revolta”, revela o

empenho para deslegitimar a manifestação, tratando como estranha e anormal a forma de protestar dos manifestantes, uma frase destacada da notícia assevera “Normalmente, um ato de protesto busca diálogo. Quem protesta quer conversar.” (O Globo, 14/06/2013, pág. 6)

Em coro com o jornal O Globo, o Folha de São Paulo, começou a reconhecer a truculência policial durante as manifestações no mesmo período. Na capa do dia 14 de junho a manchete principal anunciou: “Polícia reage com violência a protesto e SP vive noite de caos - No 4º ato

contra tarifa, PM cerca manifestantes e usa balas de borracha e bombas de gás/ Dezenas de pessoas ficam feridas e 192 são detidas/ Haddad critica corporação”. Ainda que jornalistas já estivessem sendo atingidos pela Tropa de Choque há alguns protestos, só por volta desse dia, notícias com o tema passaram a ter mais espaço. Ainda na capa do dia 14, o Folha de São Paulo anunciou: “Jornalistas da Folha levam tiros da PM; sete são atingidos”. A fotografia de uma repórter do jornal atingida por uma bala de borracha no olho acompanhou a notícia:



(Folha de São Paulo, 14/06/2013, Capa)

No dia 15 de junho o jornal O Globo relatou da mesma forma os acontecimentos: “Fotógrafo atingido por bala de borracha, em ação policial, pode ficar cego”. Na página 3, o subtítulo de uma notícia mencionou a violência policial: “Após

violência policial, Haddad chama movimento; Alckmin defende ação da PM”. E na página 5, outra notícia revelou ainda mais a mudança de posicionamento, “Nas redes, os flagrantes da violência policial em São Paulo”, o subtítulo:

“Vídeos revelam uso da força e suspeita de dano forjado a carro da PM”. (O Globo, 15/06/2013, Capa, pág. 3,5)

A partir de então o jornal começou a noticiar as manifestações de forma menos depreciativa. Elas começaram a ser divididas entre “pacíficas”, apenas com marchas e cartazes, e “violentas”, quando da depredação de patrimônio público e/ou privado. Fotografias de barricadas, ônibus queimados e outros patrimônios - públicos ou privados – danificados, passaram a dividir as páginas dos jornais com fotografias de multidões nas ruas em marcha. Manifestações *violentas* – com depredação de patrimônio - eram motivo de repressão policial, manifestações *pacíficas* – sem depredação de patrimônio – começaram a ter o apoio da imprensa.



(O Globo, 18/06/2013, Capa)

No dia 17 de junho o Folha de São Paulo noticiou que a “Tropa de Choque não será acionada caso protesto às 17h seja pacífico, diz secretário de segurança Fernando Grella” (Folha de São Paulo, 17/06/2013, Capa) e uma fotografia estampando mais de 2/3 da capa do jornal O Globo do dia 18 de junho realçou uma grande quantidade de pessoas em marcha. A manchete anunciando “O Brasil nas Ruas” trouxe o seguinte subtítulo:

Convocados nas redes sociais, protestos mobilizam pelo menos 240 mil pessoas em 11 capitais – Redução do preço das tarifas de ônibus é mais importante bandeira do movimento, que reúne principalmente jovens e é marcado pela ausência de partidos na organização; atos foram pacíficos na maior parte das cidades. Para Dilma, manifestações são legítimas (O Globo, 18/06/2013, Capa).

Outra mudança, as páginas do jornal que antes levavam títulos como “Tensão Urbana” ou “Patrimônio atacado” passaram a ostentar o título “Um país que se mexe”:

As notícias passaram a diferenciar também os manifestantes, chegando a traçar seus perfis, na página 4, do mesmo dia, O Globo especificou alguns dos manifestantes que apoiaram a manifestação *pacífica*: “‘Primavera carioca’ leva multidão de manifestantes ao Centro - Protesto tem o apoio de quem estava nos escritórios da Rio Branco”. A página também recebeu o título “Um país que se mexe” (O Globo, 18/06/2013, pág. 4). Mais

à frente, na página 6, o jornal noticiou: “Encontro da diversidade no Largo da Batata - Grupos distintos fizeram a maior mobilização até agora; cada um com um propósito” (O Globo, 18/06/2013, pág. 6).

Os títulos mostram a mudança de posicionamento do jornal em relação à manifestação e o quanto a imprensa aderiu aos protestos. Manchetes como “Mais de 65 mil vão às ruas e param SP”, com o subtítulo: “Protesto começa pacífico, porém termina com confronto em tentativa de invasão ao Palácio dos Bandeirantes” (O Globo, 18/06/2013, pág. 6) começaram a especificar quem, a partir daquele momento, seria criminalizado: os manifestantes que não eram “pacíficos”. A manchete “Protestar, ato que reúne diferentes tribos”, com o subtítulo: “Mães de estudantes, empresários e até moradores no exterior aderem á onda de manifestação” (O Globo, 18/06/2013, pág. 8) também é um exemplo disso. A notícia traçou diferentes perfis de manifestantes que estavam indo às ruas protestar, transcrevendo inclusive algumas de suas falas, mas nenhum dos perfis englobou aqueles manifestantes que protestavam depredando patrimônio público ou privado, símbolos do Estado e do sistema capitalista. O fato de não terem dado espaço a estes manifestantes pode ser interpretado como uma tentativa de deslegitimá-los.

A mudança de perspectiva ao noticiar as manifestações ocorreu quase que em sincronia nos dois jornais. No dia 18 de junho, o Folha de São Paulo estampou na capa a manchete: “Milhares vão às ruas ‘contra tudo’; grupos atingem palácios”. No texto de chamada, após noticiar causas que já haviam inflado a manifestação e, em muitos casos, poderiam ser consideradas genéricas – como a luta pelo “fim da corrupção” – o jornalista ressaltou: “A maioria das manifestações foi pacífica, mas houve vandalismo contra sedes do poder.” (Folha de São Paulo, 18/06/2013, Capa).

A separação entre os manifestantes fica também evidente na notícia “Em mais um dia de protesto, São Paulo se divide entre paz e atos de vandalismo - Manifestantes agiram para conter grupo que atacou prefeitura e provocou destruição, incêndios e saques na cidade”, do jornal O Globo (O Globo, 19/06/2013, pág. 9). Mas, como muitos manifestantes estavam ali para lutar contra o Estado, o sistema capitalista e a lógica imperial/colonial/patriarcal imposta pelos colonizadores e perpetuada até hoje pelas governanças, não podiam aceitar que a adesão popular e a inflação das causas, muitas delas impostas pela própria imprensa, que agora tentava pautar as manifestações, colocasse panos quentes nas reivindicações contra as estruturas

moderno-coloniais que promovem a opressão social. No mesmo dia o jornal Folha de São Paulo, em coro com O Globo noticiou na capa “Ato em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir”, no subtítulo, “Manifestação começa pacífica, com mais de 50 mil pessoas na Praça da Sé, mas grupos levam caos à região central” (Folha de São Paulo, 19/06/2013, Capa).

A partir de então, até o final do mês as notícias, fotografias e manchetes sobre as manifestações mudaram de natureza e tanto um como o outro jornal passaram a noticiá-las ora como uma atitude louvável – o próprio nome das páginas do jornal O Globo, que passaram de “Tensão Urbana” para “Um país que se mexe” provam isso – ora como manifestação violenta, quando manifestantes não seguiam o manual que a imprensa oferecia. Aqueles que insistiram em questionar a ordem estabelecida pelo Estado, pelo sistema capitalista e por todas as outras estruturas moderno-coloniais foram noticiados como vândalos e um teor criminal era destinado a eles na oratória midiática.

3. O PROJETO DA TRANSMODERNIDADE: UMA SAÍDA VÁLIDA PARA A DESCENTRALIZAÇÃO DOS OLIGOPÓLIOS DE COMUNICAÇÃO E DECOLONIZAÇÃO DA GRANDE MÍDIA

Os oligopólios de comunicação se configuram em estruturas ocidentalizadas que mantêm e promovem os projetos de poder imperiais/coloniais/patriarcais impostos pelos colonizadores. A concentração do poder de noticiar nas mãos de poucas empresas de mídia limita a pluriversidade das formas como as notícias serão publicadas. Apenas as interpretações de algumas poucas emissoras de rádio, Tv e jornais impressos alcançam a maior parte do território brasileiro e o maior número de pessoas em todo o país.

Outras formas de se pensar o mundo, de se organizar socialmente, de produzir conhecimento ou de tentar tornar a sociedade mais igualitária, independente e livre das estruturas de poder implantadas pelo projeto colonialista que exterminou não apenas os corpos físicos de milhares de seres humanos mas também o conhecimento desses corpos, bem como suas formas particulares de produzi-lo, sofrem constantemente a tentativa de asfixia, ora pelo braço armado do Estado, ora pela deslegitimação de conhecimentos

outros que não sejam os produzidos pelos homens vindos dos cinco países citados por Grosfoguel (Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos), ora pelo controle da subjetividade das pessoas, como fazem os oligopólios de comunicação de massa.

A forma como a Revolta dos Governados de 2013 foi tratada pelo Estado, pela polícia e pelos veículos de comunicação de massa são um exemplo disso. As manchetes expostas aqui permitem também perceber o discurso uníssono da grande mídia não apenas na tentativa de desmonte das manifestações, mas também naquilo que podemos muito bem chamar de epistemicídio, quando se interpreta a atitude dos manifestantes através de uma perspectiva anarquista. A unicidade no discurso dos jornais mostra o quanto a grande mídia está oligopolizada e concentrada nas mãos de poucos empresários, governantes institucionais socioculturais, para utilizar a expressão cunhada por Wallace de Moraes.

Como alternativa ao epistemicídio cometido nas universidades ocidentalizadas, Ramón Grosfoguel traz o conceito de transmodernidade, de Dussel. A transmodernidade implica a decolonialidade das formas de enxergar o mundo e vivê-lo. Para Grosfoguel, ainda que a tradição cultural ou epistêmica dos

povos colonizados tenham sido, de alguma maneira, impactados pelo projeto da Modernidade eurocêntrica essas tradições, culturas e epistemologias não desapareceram completamente. Existem perspectivas epistêmicas não ocidentais que conseguem guardar “uma *exterioridade relativa* da Modernidade eurocêntrica”. Segundo o autor essas *exterioridades relativas*

foram afetadas pelo genocídio/epistemicídio, mas não foram completamente destruídas. É esta exterioridade relativa que, de acordo com Enrique Dussel, propicia esperança e possibilidade de um mundo transmoderno: “um mundo onde muitos mundos são possíveis”, para usar o slogan zapatista. (GROSFOGUEL, 2016, pág. 44)

A descolonização dos olhares requer a interrupção do epistemicídio, o reconhecimento e respeito de outras formas de produção de conhecimento, provenientes de todas as outras regiões do planeta. Requer o divórcio com a lógica cartesiana do “penso, logo existo” e o reconhecimento de que o “penso, logo existo” só foi possível após séculos de “conquisto, logo existo” e “extermino, logo existo”. Requer o abandono da imposição universal de apenas um saber, o que é produzido ao norte dos Pirineus por homens brancos de apenas cinco países. Requer, por fim, o reconhecimento da pluriversalidade das produções de conhecimento. Cada povo tem uma forma de conhecer e entender o

mundo e isso está diretamente ligado às experiências concretas vivenciadas nos diversos espaço/tempos do planeta.

A decolonização da sociedade é possível na medida em que haja o rompimento com o epistemicídio da produção de conhecimento ligados às tradições epistêmicas do Sul, mas também com qualquer tradição epistêmica que não seja excludente, que não corrobore com os projetos e estruturas de poder da Modernidade eurocêntrica. Defendo que no âmbito da imprensa a transmodernidade implicaria não apenas a completa descentralização dos meios de comunicação de massa mas também a decolonização desses veículos.

Além disso a transmodernidade viabiliza uma discussão em que todos podem decidir formas de organização societal, como foi proposto em junho de 2013 pelos manifestantes que foram às ruas e deram um exemplo de autogoverno popular, ação direta e ajuda mútua, para utilizar alguns princípios caros ao Anarquismo.

Grosfoguel pontua que

(...) a transmodernidade não é, de modo algum, equivalente a uma celebração liberal e multiculturalista da diversidade epistêmica do mundo, onde as estruturas de poder permanecem intactas. A transmodernidade é um reconhecimento

da diversidade epistêmica sem o relativismo epistêmico. (GROSFOGUEL, 2016, pág. 45)

Nesse sentido a descentralização dos meios de comunicação dentro do sentido de transmodernidade compreenderia a pluriversidade não apenas dos discursos mas também das epistemologias, das formas de se produzir conhecimento, em detrimento da universalidade de paradigmas que hoje impera na grande mídia e do reconhecimento da necessidade “de um projeto global compartilhado contra o capitalismo, o patriarcado, o imperialismo e o colonialismo” que rejeite completamente a universalidade das soluções, na qual “um define pelos outros qual é a solução, mas sim no qual muitos decidem por muitos”.

4. CONCLUSÃO

Podemos perceber, através dos exemplos expostos neste texto o quanto esses oligopólios de comunicação corroboram com as práticas imperiais/coloniais/patriarcais do projeto de Modernidade imposto pelos colonizadores e que perduram em nossa sociedade ainda hoje. A tentativa de criminalizar os manifestantes que reivindicavam a ordem autoritária dos projetos de poder moderno-coloniais coloca

a imprensa ao lado das universidades ocidentalizadas trazidas por Grosfoguel.

Há também o problema da unificação dos discursos nesses oligopólios de comunicação, como pôde ficar evidente através das manchetes e notícias trazidas ao texto. Tais discursos, por sua vez, corroboram com o *status quo* e com o epistemicídio de outras formas de conhecimento. Além disso a lógica do oligopólio de comunicação por si só incentiva a centralização dos veículos de informação, uma vez que pequenos veículos de comunicação não conseguem competir com os já estabelecidos no mercado.

Essas grandes empresas da comunicação estão estreitamente ligadas às escolas e universidades. Não podemos nos esquecer que as estruturas ocidentalizadas foram instauradas em territórios colonizados com o intuito de levar a cabo o projeto colonial, da mesma forma, não podemos nos esquecer que a maior parte dos jornalistas são formados ou passam por essas universidades.

Como assinalou Wallace de Moraes, a imprensa no Brasil faz parte de uma mesma governança institucional sociocultural onde habitam as universidades. Governança esta que dita as formas de produção do conhecimento e

subjetividades. O epistemicídio provocado tanto pelas universidades como pela grande mídia ajuda a exterminar saberes e práticas que vão contra o Estado e o sistema capitalista ou que entendem e concebem o mundo de outras maneiras que não aquelas vigentes na Modernidade eurocêntrica. Por isso a alternativa pela transmodernidade, inaugurada por Dussel e utilizada por Grosfoguel, é a saída decolonial que rompe com os projetos de poder das estruturas ocidentalizadas.

Assim como Grosfoguel propõe a transmodernidade dentro das universidades, acredito também que seja possível a transmodernidade nas formas de veicular a informação. Para isso será necessário não apenas a descentralização dos meios de comunicação, mas sua completa descolonização. Nesse sentido é indispensável que todos participem e planejem outras formas de veicular a informação, formas estas que vão contra o capitalismo, o patriarcado, a concentração de poder em torno de um estado, contra todos os projetos de poder impostos pelo colonizador.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A MARCHA da insensatez. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de jun. de 2013. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130612>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

AMORIM, Silvia, CASTRO, Juliana, HERDY, Thiago. Risco de novos confrontos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 de jun. de 2013. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130613>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

AMORIM, Silvia, HERDY, Thiago. Chamado ao diálogo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130615>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

APÓS semana de batalha, Haddad pede negociação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130615>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

ARAÚJO, Vera, GOULART, Gustavo, WERNECK, Antônio. ‘Primavera carioca’ leva multidão de manifestantes ao Centro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

ARAÚJO, Vera, GOULART, Gustavo. No Rio, protesto termina com a pichação do Palácio Tiradentes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130614>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

ATO em SP tem ataque à prefeitura, saque e vandalismo; PM tarda a agir. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19530&anchor=5878105&origem=busca&originURL=>>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_02.07.2020/art_54_.asp. Acesso em 24 de Nov. de 2020.

CHOMSKY, Noam. (2019), *Mídia – Propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF.

CONFRONTO se agrava em SP, com mais prisões e feridos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130614>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

CONTRA tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19523&anchor=5877141&origem=busca&originURL=>>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

COSTA, Ana Cláudia, GOULART, Gustavo. Vandalismo sem causa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130612>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

DE MORAES, Wallace. *Estadolaria, Plutocracias, Governanças sociais e institucionais: Preâmbulo de um paradigma anarquista de análise*. *Otal*, abr de 2018. Disponível em: <<https://otal.ifcs.ufrj.br/estadolaria-plutocracias-governancas-sociais-e->

[institucionais-preambulo-de-um-paradigma-anarquista-de-analise1/>](https://otal.ifcs.ufrj.br/estadolaria-plutocracias-governancas-sociais-e-institucionais-preambulo-de-um-paradigma-anarquista-de-analise1/>). Acesso em 23 de Nov. de 2020.

FARATI, Tatiana, HERDY, Thiago, ROXO, Sérgio, SCRIVANO, Roberta. Em mais um dia de protesto, São Paulo se divide entre paz e atos de vandalismo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130619>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

GALDO, Rafael. Manifestantes entram em confronto com PMs no Centro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130611>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

GIANOTTI, Rolland. Tempo quente no Centro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130611>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

GOVERNO de SP diz que será mais duro contra vandalismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 de jun. de 2013. Disponível em:

<<https://onedrive.live.com/?authkey=%21AJZyRMweGrRR0i0&cid=3DA482AE8E0B6C20&id=3DA482AE8E0B6C20%2133837&parId=3DA482AE8E0B6C20%2133132&o=OneUp>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

GOVERNO de SP pede e terá reunião com manifestantes hoje. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 de jun. de 2013. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19528&anchor=5877985&origem=busca&originURL=>>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

GROSGOUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

HERDY, Thiago, ROXO, Sergio. São Paulo sitiada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130614>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

HERDY, Thiago. Grupo interdita ruas em novo dia de tensão em SP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130608>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130612>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

HERDY, Thiago. Manifestantes tentam invadir terminal e depredam lojas em SP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 de jun. de 2013.

Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130612>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

JANSEN, Thiago, SALOMÉ, Roberta. Protestar, ato que reúne diferentes tribos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2013.

Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

MANIFESTANTES causam medo, param marginal e picham ônibus. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19519&anchor=5876493&origem=busca&originURL=>>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

MARINONI, Bruno. *Concentração dos meios de comunicação de massa e o desafio da democratização da mídia no Brasil*. Análise, v. 13, p. 1-28, 2015.

MORAES, Wallace dos Santos de. (2018), 2013 *Revolta dos Governados ou, para quem esteve presente, Revolta do Vinagre*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

NAS REDES, os flagrantes da violência policial em São Paulo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130615>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

O BRASIL nas ruas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

POLÍCIA reage com violência a protesto e SP vive noite de caos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19525&anchor=5877319&origem=busca&originURL=>>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

PROTESTO contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19518&anchor=5876323&origem=busca&originURL=&pd=5aad810435679ac7db4f1ef042d2c05a>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

PROTESTO contra passagens de ônibus em quatro capitais. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130607>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina*. 2000.

RADICAIS provocam incêndio na Assembléia. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. (1999), *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD.

VANDALISMO marca ato por transporte mais barato em SP. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de jun. de 2013. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19518&anchor=5876307&origem=busca&originURL=>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.

VIOLÊNCIA no fim de um protesto pacífico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 de jun. de 2013. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130618>>. Acesso em 23 de Nov. de 2020.